

HIPERTEXTO COMO UM MODELO DE LEITURA CRIATIVA NO APRENDIZADO DE LE

Maria Talita Rabelo Pinheiro (UNEB)

talitarabelo27@gmail.com

Nerivaldo Alves Araújo (UNEB)

neriaraujo@hotmail.com

RESUMO

O objetivo do trabalho é apresentar um modelo criativo de aprendizagem na influência da leitura de uma língua estrangeira, através da leitura e construção de um hipertexto, na formação de leitores investigativos e autônomos. No decorrer do artigo, com um aporte qualitativo, utilizando as pesquisas bibliográfica e documental será mostrado o quanto o hipertexto e a multimídia interativa adequam-se particularmente aos usos educativos, com foco em LE, dando o aporte de como se ler e se direcionar por um hipertexto, já que, quanto mais ativamente uma pessoa participar de um processo de aquisição de um conhecimento, mais ela irá integrar e reter aquilo que aprender, pois essa leitura hipertextual permitirá ao estudante construir de forma personalizada as sequências de material de pesquisa. Através de um aporte teórico baseado em pesquisas de autores como Pierre Lévy, Lucia Santaella, Paulo Freire dentre outros, pode-se defender a ideia de que o aluno constrói o seu conhecimento pela liberdade de leitura que o hipertexto vai proporcionar com o seu caráter não linear e as suas várias mídias facilitadoras de aprendizado, fazendo com que eles conseguiram captar a essência da quebra da hierarquia de um texto, tornaram-se autônomos e investigativos. O professor deve em seu planejamento instigar essa leitura autônoma, pois ele ainda é o motivador de seus alunos, e a leitura e o incentivo à criação de hipertextos auxiliam muitos profissionais, que querem informar e despertar ao mesmo tempo a curiosidade e a incentivar a iniciativa por parte do aluno.

Palavras-chave:

Hipertexto. Leitura. Aluno autônomo.

RESUMEN

El objetivo del trabajo es presentar un modelo creativo de aprendizaje en la influencia de la lectura de un idioma extranjero, a través de la lectura y construcción de un hipertexto, en la formación de lectores investigativos y autónomos. A lo largo del artículo, con una contribución cualitativa, utilizando pesquisas bibliográfica y documental, se mostrará cuánto el hipertexto y la multimedia interactiva son particularmente adecuados para los usos educativos, con un enfoque en LE, dando la contribución de cómo leer y conducirse por un hipertexto, ya que, cuanto más activamente una persona participar de un proceso de adquisición de conocimiento, más integrará y retendrá lo que aprende, pues esa lectura hipertextual permitirá al alumno construir de manera personalizada las secuencias de material de investigación. A través de una contribución teórica basada en la investigación de autores como Pierre Lévy, Lucia Santaella, Paulo Freire, entre otros, se puede defender la idea de que el alumno construye su conocimiento a través de la libertad de lectura que el hipertexto proporcio-

nará con su carácter no linear y sus diversos medios que facilitan el aprendizaje, lo que les permite capturar la esencia de romper la jerarquía de un texto, volviéndose autónomos e investigativos. En su planificación, el profesor debe instigar esta lectura autónoma, ya que sigue siendo el motivador de sus alumnos, y la lectura y el incentivo a la creación de hipertextos ayudan a muchos profesionales, que desean informar y despertar al mismo tiempo la curiosidad y fomentar la iniciativa por parte del alumno.

Palabras clave:

Hipertexto. Lectura. Alumno autónomo.

1. Introdução

O Brasil infelizmente não tem uma cultura de leitura. O modelo de desenvolvimento da leitura está defasado, o índice de leitores, se comparados com outros países, é baixíssimo. Segundo Ferraz (2016) os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PI-SA), informou que o Brasil em 2015 ficou em leitura na posição 59ª de 70 países, este levantamento foi realizado por meio de provas aplicadas a cada três anos em 70 países, mostrando que “50,99% dos estudantes ficaram abaixo do nível básico de proficiência”.

A realidade é ainda pior no Nordeste, só perdendo para a região Norte. Segundo Sandra Bozza (2009) em uma matéria ao jornal O Povo, “é somente o exercício da escrita, de ficar copiando. A leitura fica limitada ao livro didático”. Por isso, recomenda-se que devem ser usados outros modelos de gêneros textuais na proposta de competência leitora. Inclusive, no estudo de uma língua estrangeira (LE), é conveniente propor a leitura de revistas, lendas, fábulas, instigando a curiosidade no aprendizado, pois devemos promover o gosto pela leitura.

O nosso país se orgulha de ter a maioria de suas crianças e de seus jovens na escola sendo “alfabetizados”, mas será que realmente o governo, com o seu baixíssimo investimento em educação, preocupa-se com essa aquisição ao conhecimento?

Freire (2001) afirma que:

Às vezes, até eu me pergunto se os presidentes da república, os governadores de Estado, os prefeitos não tiveram mesmo uma professora[...] Porque a impressão que eu tenho é que eles nunca tiveram uma professora, eles vieram de outro mundo, de outro planeta. Porque o descaso é total. (FREIRE, 2001, p. 225)

O professor não pode fazer milagre, sobretudo quando tem que dar conta de uma sala com mais de cinquenta alunos, fato que se agrava

no ensino básico. Os alunos estão saindo da escola como analfabetos funcionais, conceito criado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), aprenderam a ler, mas não fazem ideia do que leram, não compreendem. Segundo Tiezzi, no *site* da Geração On-line, “com os últimos dados do INAF, 75% dos brasileiros são considerados analfabetos funcionais”, ou seja, “três em cada quatro brasileiros”.

Um dos grandes problemas no processo de construção de leitores é que, desde cedo, nas crianças, os processos de alfabetização podem ser enfadonhos, aprendem a ler de uma maneira abstrata, como uma obrigação, fugindo completamente da sua realidade. Segundo Freire (2001, p. 127), a alfabetização “é possibilitar que o que já fala compreenda a razão de ser da própria fala”, e fugir a essa realidade pode futuramente prejudicar o interesse pela leitura.

É preciso haver um incentivo à leitura desde a infância. Assim, pode-se começar a pensar em mudança. Uma das competências mais importantes a serem trabalhadas com o aluno é, porém, uma das principais deficiências do estudante brasileiro: a leitura. Não é bastante apenas identificar uma palavra, mas fazê-la ter sentido interpretar, compreender.

O aprendizado deve ser curioso e divertido, principalmente quando há uma grande dificuldade de interesse pela leitura. Esse interesse é ainda menor quando se trata de uma língua estrangeira, os alunos logo afirmam: “ah, se eu não sei nem a minha língua direito, como é que eu vou aprender outra?”.

Inicialmente, devemos nos questionar sobre quem são os nossos alunos, quem são os nossos professores e o que realmente importa e compete à escola ensinar. Muitos professores ainda resistem à tecnologia e, embora se utilizem dela para seu conforto, recusam-se a reconhecer que além da lousa e de uma biblioteca, que são ferramentas para um bom ensino, existem outras invenções como o computador, o som e a televisão, construídos pelo homem que podem ser úteis à educação sem torná-la desumana.

O ensino da língua estrangeira, objeto desta reflexão, pode igualmente ser estimulado e ensinado de modo diferente e dinâmico, por exemplo, incluindo-se lendas folclóricas, pois elas nos apresentam aspectos culturais, históricos, rituais, curiosidades, características do país, e nos incentivam a uma maior e melhor aprendizagem. Quando estudamos algo que conhecemos, porém não sabemos a sua origem, descobrimos o

interessante que é estudar e ler sobre outra cultura.

Então, como facilitar a leitura da língua estrangeira utilizando novas tecnologias?

Sabemos que, atualmente, a utilização da linguagem em geral e da língua é um reflexo incontestável das mudanças tecnológicas emergentes no mundo, pois afirmam Marcuschi e Xavier (2004) que:

[...] a linguagem é uma das faculdades cognitivas mais flexíveis e plásticas adaptáveis às mudanças comportamentais”. Sendo assim, ela vai tornar-se a grande responsável pela “disseminação das constantes transformações sociais, políticas, culturais geradas pela criatividade do ser humano. (MARCUSCHI; XAVIER, 2004, p. 7)

A inserção do computador no processo de comunicação permitiu a edificação de uma nova forma de construção textual: o hipertexto¹¹². Essa nova prática de produção textual vai exigir do aprendiz a aquisição do letramento digital que vai implicar uma maior autonomia no processo de leitura, isso faz com que surja um leitor mais autônomo, capaz de buscar o próprio conhecimento de acordo com o seu grau de interesse.

Estamos na era da comunicação virtual, por que não utilizar essa virtualidade a favor do processo de leitura e da formação de leitores mais autônomos de uma língua estrangeira? A rede mundial de computadores, plugados mundialmente, permite ao usuário o acesso a informações de qualquer lugar.

Segundo Galli (2004):

Para Lévy (1996), um texto digitalizado permite novos tipos de leitura: uns textos se conectam a outros por meio de ligações hipertextuais, possibilitando exame rápido de conteúdo, acesso não linear e seletivo do texto, segmentação do saber em módulos, conexões múltiplas, processo bem diferente da leitura em papel impresso. (GALLI, 2004, p. 123)

A proposta deste artigo é fazer com que o aluno seja esse leitor independente, que busque seu interesse na construção de um hipertexto, no aprendizado de uma nova língua estrangeira, já que se pode encontrar nessa nova produção textual um caráter dinâmico e interativo, pois o hipertexto, diferentemente de um texto de jornal ou revista em papel, está constantemente em movimento. “O hipertexto permite todas as dobras inimagináveis, ou seja, há um movimento constante de dobramento e des-

¹¹² Termo surgido nos anos 1960, criado por Theodore Nelson.

dobramento de um texto e/ou das informações”, afirma Galli (2004, p. 04).

De acordo com Lévy (1993), o hipertexto:

[...] é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficas ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, entende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede interna. (LÉVY, 1993, p. 33)

Percebemos que o prazer de ler sobre a cultura das línguas estrangeiras estudadas e suas curiosidades estão esquecidas nas aulas de LE. Muitos professores preocupam-se somente em ensinar a gramática como algo isolado, transformando o que deveria ser prazeroso em mais uma aula decorativa que os alunos vão esquecer assim que saírem de sala. É muito importante o estudo da gramática, mas como aplicá-la senão através de um texto, de uma leitura? As lendas, por exemplo, são uma das mais envolventes formas de invadir uma cultura desconhecida, criando nossa própria “fantasia” real, principalmente quando instigamos que os discentes construam o seu material de estudo. “Há evidências inequívocas de que nossas capacidades de processamento e de memória melhoram significativamente quando é fornecido um objetivo para uma tarefa”, segundo Kleiman (2004, p. 30).

As pesquisas sobre hipertexto se justificam, pois, espera-se que, através do mesmo, os aspectos que podem se modificar quanto à prática da leitura, dão um novo direcionamento das relações do homem com tudo que cria, desde a palavra como ordenação do pensamento ao moderno e sofisticado computador.

O objetivo maior é incentivar no aluno o prazer de investigar e de ler no aprendizado de uma LE, construindo um hipertexto, no qual o computador passe a ser uma ferramenta de suporte e de ajuda no estudo dessa língua.

2. *Leitura e hipertexto*

Faz-se necessário desmistificar o velho *slogan* de que brasileiro não gosta de ler. Durante a formação de um leitor, deve-se ter muito cui-

dado com a escolha da obra, com o estímulo à curiosidade para leitura de um texto e com a boa condução do processo. É preciso ter paciência, criatividade e dedicação. Antes de tentar algo, é preciso que o profissional tenha consciência de que a leitura é o caminho para a educação e melhoria do país.

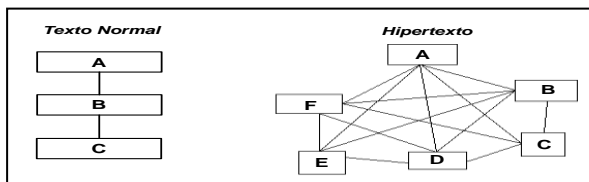
Conforme Santaella (2008):

[...] no final do século XX, uma novidade surpreendente estava reservada ao texto escrito. Os processos de digitalização do computador absorveram-no, provocando sua migração para as telas dos monitores. Ao ser absorvido para esse novo suporte, o texto passou por transformações, por uma verdadeira mudança de natureza na forma hipertexto, isto é, de vínculos não-lineares entre fragmentos textuais associativos, interligados por conexões conceituais (campos), indicativas (chaves) ou por metáforas visuais (ícones) que remetem, ao clicar de um botão, de um percurso de leitura a outro, em qualquer ponto da informação ou para diversas mensagens, em cascatas simultâneas e interconectadas. Essa forma, hoje corriqueira graças aos recursos computacionais, estava apenas ensaiada de modo tímido e rudimentar nas grandes enciclopédias ainda presas à pesada materialidade dos austeros volumes em papel-bíblia. (SANTAELLA, 2008, p. 47)

A formação de leitores com o uso dos novos meios de comunicação, em especial o computador, pode abrir espaço para novas potencialidades, partindo das possibilidades da multiplicidade de caminhos de leitura através do hipertexto.

De acordo com Lévy (1993):

[...] o efeito de uma mensagem é o de modificar, complexificar, retificar um hipertexto, criar novas associações em uma rede contextual que se encontra sempre anteriormente dada. O esquema elementar da comunicação não seria mais “A transmite alguma coisa a B”, mas sim “A modifica uma configuração que é comum A, B, C, D etc.”. (LÉVY, 1993, p. 73)



Conexões Hipertextuais.

O hipertexto pode ser inserido dentro da sala de aula como uma brincadeira. O seu uso pedagógico tem como objetivo a pesquisa de várias formas de manifestação cultural e textual não linear no meio informatizado, bem como analisar e produzir material literário, cultural e instrucional por intermédio de hipertextos com recursos computacionais. Braga (2004, p. 161) comenta, porém, que “é necessário avaliar que tipo de aluno pode se beneficiar desse tipo específico de apresentação textual e que tipo de hipertexto é adequado para diferentes grupos de alunos”, já que, por ter um caráter flexível e dinâmico, o hipertexto possibilita organizar diferentemente os diversos recursos, propiciando usos variados e adaptáveis às necessidades dos usuários desse revolucionário mecanismo de linguagem. O hipertexto rompe com a hierarquia de começo, meio e fim pré-definidos. O ponto de partida da leitura feita por um sujeito pode se transformar em ponto de chegada quando realizado por outro.

3. Hipertexto e suas mídias

Por ter um caráter flexível e dinâmico, o hipertexto se adapta às necessidades dos usuários, organizando diferentemente os diversos recursos, pois as suas principais características são a não linearidade – pode-se fazer a sequência de leitura no ritmo desejado, acabando-se com a hierarquia do começo, meio e fim – e a virtualidade – faz com que o hipertexto se torne algo inacabado, pois pode sofrer modificações e atualizações. A ele, podem ser agregadas várias mídias como textos, sons, imagens, mapas, já que o hipertexto se constitui como um suporte capaz de congrega muitas mídias.

HIPERTEXTO = TEXTO + IMAGEM + SOM

Investigando a leitura e a compreensão em segunda língua, dá-se a importância do conhecimento prévio do leitor e do contexto para a melhoria da aprendizagem. Muitas vezes, o uso do recurso visual antes da leitura auxilia a compreensão e a retenção de textos, pois o apoio visual pode ser apresentado de maneira dinâmica, e esse recurso tem para a aprendizagem de língua estrangeira um efeito facilitador. “A imagem agregada ao texto verbal pode contribuir positivamente para a retenção de

vocabulário em língua estrangeira”, segundo Braga (2004, p.152). Este afirma também que “aprendemos a interagir com textos a partir da prática situada em contextos sociais concretos; o sucesso da interação depende diretamente da adequação dos textos aos interlocutores e aos contextos de usos previstos” (BRAGA, 2004, p. 162).

E é nessa concepção interacionista de linguagem, que a leitura é entendida como um processo de produção de sentido que se dá a partir de interações sociais ou relações dialógicas que acontecem entre dois sujeitos – o autor do texto e o leitor. Sendo assim o aluno aprenderá a se tornar ciente da necessidade de fazer da leitura uma atividade caracterizada pelo engajamento e uso do conhecimento, em vez de uma mera recepção passiva.

4. O leitor participativo

Na construção de um hipertexto, o aluno deve atentar para o material digital, já que “a estrutura hipertextual oferece ao aluno a possibilidade de customizar o material às suas necessidades específicas, um fator que pode contribuir positivamente para a aprendizagem”, afirma Braga (2004, p. 161). O aluno deve interagir com a leitura; afirma Kleiman que “o aluno constrói, e não apenas recebe, um significado global para o texto; ele procura pistas formais, antecipa essas pistas, formula ou reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões.” (2002, p.65). Ele deve se utilizar de todos os procedimentos que lhe são oferecidos para a compreensão e a criação de um texto.

Afirma Santaella (2008):

Dado o caráter descontínuo dos nós, os links se constituem no tijolo básico da construção hipertextual. Um texto verbal arma-se em um todo coeso graças aos conectores gramaticais. Um artigo se estrutura em parágrafos de transição, tópicos e subtópicos, assim como um livro se organiza em capítulos. Do mesmo modo, o hipertexto também tem um sistema de conexões que lhe é próprio. O propósito básico desse sistema é conectar um nó a outro de acordo com algum desenho lógico, seja este analógico, arbóreo, em rede, hierárquico etc. São essas conexões, geralmente ativadas através de um *mouse*, que permitem ao leitor mover-se através do documento. (SANTAELLA, 2008, p. 54)

O professor transmite ao aluno o papel de colaborador no processo de ensino-aprendizagem, assumindo, assim, um papel de parceria, sendo ele participante ativo em relação ao processo de aquisição de conhecimentos. “A autonomia do aprendiz é essencial para que esse saiba

como explorar as possibilidades comunicativas oferecidas pelo hipertexto”, afirma Braga (2004, p. 161-2), porém deve-se ter muito cuidado com essa não-linearidade para não perder o foco da pesquisa.

O aluno deve saber o que procura e para que procura. O conhecimento de mundo poderá ajudá-lo nessa leitura independente. Afirma Freire que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura da-quele” (1987, p. 11).

Observações são feitas de que a interação com o hipertexto deve ter ativa participação do leitor, pois afirma Braga que “de fato, a leitura de hipertextos, além de escolhas de caminho, exige a participação do leitor na construção da coesão e da coerência geral entre os diferentes segmentos textuais acessados pelo leitor” (BRAGA, 2004, p. 150), deve--se fazer uma conexão coerente entre os *links*.

O hipertexto deve ser construído de acordo com o nível de conhecimento do leitor, para que não fique desorientado com essa quebra de hierarquia da leitura. Já na construção de um hipertexto, o aluno deve ser orientado, pois os recursos são vastos e devem ser adequados para cada grupo, já que as informações podem orientar e interessar a alguns como podem ser inúteis, entediantes, ou mesmo desorientar outros.

Segundo Braga (2004):

A diferença que se coloca na leitura de um hipertexto é que a quebra da linearidade textual inviabiliza a inserção de certas marcas coesivas e a coerência textual deixa de ser orientada pela apresentação sequencial de argumentos. O texto não sendo mais apresentado como um “todo” que tem começo, meio e fim, exige que o usuário, durante sua leitura, explore o conjunto de opções disponibilizadas pelos *links* e construa uma conexão coerente entre elas. (BRAGA, 2004, p. 150)

Ao percorrer os *links* e atualizar o hipertexto, o leitor, ou melhor, o hiperleitor estará realizando tentativas de compreensão, pois é ele próprio quem define a versão cabal do que será lido e compreendido. “Ao elaborar um mapa (hipertexto), o autor destaca os pontos de referência (*links*) que considera serem relevantes ao seu leitor. Mas não aponta um caminho específico, propõe articulações possíveis entre textos”, afirma Cavalcante (2004, p. 169).

5. Considerações finais

É explícito que a cultura brasileira foi construída a partir de explorações, deixando de lado a parte intelectual e educacional. O povo brasileiro necessita de leitura que é considerada um dos agentes fundamentais para a transformação social do país. A partir desta, pode-se intervir nas diversas situações sociais e individuais.

A proposta apresentada neste trabalho é um incentivo ao aprendizado/aquisição de uma segunda língua, através de um maior estímulo à leitura, mas não pelos métodos tradicionais, e sim por um novo método, em que o aluno se torne um investigador, buscando o que seja interessante para o seu aprendizado.

O hipertexto faz parte dessa nova busca de conhecimento, pois, segundo Xavier (2004, p. 177), “o hiperleitor estará realizando tentativas de compreensão, efetivando gestos de interpretação ou de uso, porque, em última análise, é ele mesmo quem define a versão cabal do que será lido e compreendido”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, D. B. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros e digitais: novas formas de construção do sentido*. v. 1, p. 144-62. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CAVALCANTE, M. C. B. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. v. 1, p. 163-69. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

FERRAZ, T. *Brasil cai de posição em ranking mundial que avalia educação nas áreas de Ciências, Leitura e Matemática*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/noticias/brasil-cai-de-posicao-em-ranking-mundial-que-avalia-educacao-nas-areas-de-ciencias-leitura-e-matematica/>>. Acesso 28 abr. 2017.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. *Educação e atualidade brasileira*. São Paulo: Cortez, 2001.

GALLI, F. C. S. *Linguagem da internet: um meio de comunicação glo-*

bal. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. v. 1, p. 120-34. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

KLEIMAN, Â. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 5. ed. Campinas-SP: Pontes, 1997.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. v. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. 196p; 23cm

TIEZZI, R. *Brasil Analfabetizado*. Disponível em: <<http://www.geracao-books.com.br/literatura/texto1.php>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

SANTAELLA, L. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). *Rediscutir texto, gênero, discurso*. v. 1. São Paulo: Parábola, 2008. p. 47-72

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.